



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## A RELAÇÃO INDIVÍDUO-CIDADE NA EXPERIÊNCIA JUVENIL DO GRAFITE.

Lara Denise Oliveira Silva  
Programa de pós-graduação em Sociologia-Universidade Federal do Ceará  
laradeniseoliveirasilva@yahoo.com.br

### Um recorte para pensar práticas juvenis na cidade.

Diferentes atores vivem, experimentam, habitam e circulam na cidade, caracterizando-a como local de entrecruzamento de subjetividades. Conforme Silva (1997, p.85), a cidade “permite também em escalas e níveis distintos concentrar em pontos espacialmente localizados, atividades díspares que revelam mundos próximos e distantes”. As juventudes, em suas diferentes expressões, são um entre os muitos grupos que integram esse “elenco”.

Diversas “tribos” juvenis<sup>1</sup> (MAFFESOLI, 1998) se fazem presentes em espaços como praças, logradouros e bairros, compartilhando modos de ser e agir. *Punks, hip-hoppers, skatistas, góticos, emos, pichadores, grafistas*<sup>2</sup>, entre outros, imprimem “marcas” na cidade por meio de suas práticas de tal forma que passam a fazer parte da paisagem urbana, estabelecendo um diálogo profícuo com a cidade.

Pode-se dizer que esses movimentos culturais ligados aos grupos juvenis articulam tanto novas produções de identidades, quanto outras representações sobre o contexto urbano nos quais se fazem presente sejam na periferia ou em áreas centrais. Para verificar essa informação, basta refletirmos acerca da reconfiguração por que passam praças, ruas ou bairros inteiros quando se tornam uma espécie de “cenário” dessas manifestações juvenis. É nesse sentido que Magnani (2005) fala em “circuitos de jovens”:

---

<sup>1</sup> Esta expressão é empregada com cautela, pois conforme advertência de Magnani (2005), o termo pode ser usado com algum proveito, porém tendo em vista as limitações que ele pode suscitar, principalmente devido ao uso do mesmo pela Etnologia, na qual o significado para “tribos” é diferente.

<sup>2</sup> Segundo Antônio Carlos Secchin, membro da Academia Brasileira de Letras, “seria mais adequado se utilizar o sufixo “ismo”, presente também em palavras como vanguardismo e romantismo do que o sufixo “agem” como em malandragem e bandidagem. Desta forma, seria simbolizado o enobrecimento do ato de grafitar.” (GRAFITE X PICHANÇA..., 2011)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Outro ponto de partida para a abordagem do tema do comportamento dos jovens nos grandes centros urbanos. Em vez da ênfase na condição de “jovens”, que supostamente remete a diversidade de manifestações a um denominador comum, a idéia é privilegiar sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca (MAGNANI, 2005, p. 177).

Este trabalho se propõe a refletir acerca desse diálogo entre cidadãos e a cidade, tendo como objeto condutor da discussão as atividades de grafitismo de um grupo de Fortaleza<sup>3</sup> que foram pesquisadas entre os meses de janeiro e outubro de 2010, adotando-se uma postura de freqüentação intensa<sup>4</sup>.

Como consequência da pesquisa, foi possível perceber que a partir do grafite, os grafiteiros constroem uma relação particular com a cidade, pois ela é o suporte para seus grafites, além de muitas vezes influenciar na escolha dos temas, locais e técnicas. Procurando exercitar a “imaginação sociologia”, me pergunto: como ocorre a troca entre grafiteiros e cidade por meio do ato de grafitar? Qual a medida da experiência urbana nos grafites?

### **Grafite, grafiteiros e a relação com a pichação.**

O grafite compreende um mundo de significados e tentar explicá-lo é uma tarefa instigante, porém de difícil execução, já que o risco de reduzir suas dimensões a formulações incompletas e simplórias é eminente. A seguir, farei algumas considerações acerca do grafite na tentativa de contextualizá-lo quanto a sua história e momento atual.

Entende-se por grafite frases e letras facilmente identificáveis na paisagem das cidades brasileiras e internacionais. Em sua maioria coloridos, composto de desenhos cujas formas vão desde traços figurativos a efeitos surreais, eles são impressos em

---

<sup>3</sup> Fortaleza é a capital do Ceará, estado localizado na região Nordeste do Brasil.

<sup>4</sup> Pesquisa empreendida para a conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará sob a orientação da prof(a). Dra. Marinina Gruska e que se estendeu ao curso de mestrado em Sociologia na Universidade Federal do Ceará sob a orientação da prof(a). Dra Glória Diógenes.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

locais diversos da paisagem urbana: “postes, calçadas, viadutos etc. são preenchidos por enigmáticas imagens” (GITAHY, 1999, p.16).

De atividade marginal, comumente associada a gangues e vista como sujeira ou depredação, o grafite passou a ser classificado como expressão artística. Essa mudança está relacionada ao potencial que o mercado de artes viu no grafite, transformando grafiteiros em artistas renomados e bem remunerados<sup>5</sup>. Contemporaneamente, grafiteiros como os paulistanos *Osgêmeos* e o britânico *Banksi* são conhecidos mundialmente, realizam exposições de suas obras em galerias e museus, além de venderem seus trabalhos por preços milionários.

O status de arte dado ao grafite também é concedido por outros setores. Em muitos projetos sociais voltados para a juventude, o grafite é utilizado como linguagem que atrai os jovens. Os poderes públicos vêm possibilidade de “utilizar” o grafite como um antídoto atrativo contra a pichação e a delinquência juvenil. E há os artistas urbanos que fazem parte de um movimento chamado de *street art* que acontece em escala mundial e abriga outras linguagens, como atesta o pesquisador da temática Nicholas Ganz (2004):

Durante os últimos anos, os grafiteiros têm utilizado um campo mais amplo de expressão. O estilo de cada artista é desenvolvido sem nenhuma restrição, com a utilização de *stickers* (etiquetas), pôsteres, estênceis, aerógrafos, pastéis oleosos, todas as variedades de tintas e até mesmo de esculturas. Muitos artistas se libertaram do mero uso das latas de spray. (GANZ, 2004, p.7).

O grafite pode ser classificado como um fenômeno global. Ainda segundo Ganz (2004), é possível encontrar a manifestação desta atividade nos cinco continentes, uma vez que as metrópoles contemporâneas são atravessadas por fluxos globais, cujos meios de comunicação são os principais vetores, é possível encontrar grafites em cidades

---

<sup>5</sup> Os grafiteiros norte-americanos Keith Haring e Jean Michel Basquiat foram os primeiros a serem “absorvidos” pelo mercado de artes. Basquiat era norte-americano do Brooklyn, Nova York, filho de imigrantes que começou a ganhar notoriedade grafitando nas ruas da referida cidade. Haring, também americano, abandonou o curso de design em uma escola de arte e ao mudar-se para Nova York foi influenciado pelos grafites da cidade. Haring e Basquiat ficaram famosos nos anos 80, sendo os pioneiros da transposição do grafite para o museu. Ligados a Andy Warhol por relações de amizade, foram considerados discípulos deste (GITAHY, 1999).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

diferentes, espalhados pelo globo, possuindo particularidades em seus “modos de fazer” (CERTEAU, 2001).

Inicialmente localizados em cidades européias e norte-americanas, os grafites espalharam-se pelo mundo devido à expansão da cultura Hip Hop, mas em seu momento atual, essa manifestação não é sua única referência (FERRO, 2010). Muitos grafiteiros não se identificam com a cultura e estética Hip Hop e suas motivações e identificação para grafitar são diversas, cuja explanação por este trabalho demandaria uma pesquisa mais madura sobre a questão. O grupo com o qual desenvolvi a pesquisa que resulta neste artigo é um exemplo de grafiteiros que não se identificam com o universo hip-hop.

Demarcado o contexto sócio-histórico no qual se insere o grafite, faz-se necessário apresentar a discussão entorno da relação grafite e pichação a partir de três pontos de vista: 1) do senso comum, 2) dos grafiteiros e pichadores e 3) da legislação jurídica, pois “ainda que de um modo geral essas intervenções sejam transgressoras e semelhantes, os grafites e pichações apresentam técnicas e políticas diferenciadas de acordo com o propósito de cada agente ou grupo em seu tempo e espaço definidos”. (RAMOS, 2007, p.4)

Para a maioria dos cidadãos, grafite e pichação são vistos sem distinção, uma vez que são praticados nos mesmos locais (muros e paredes) e muitas vezes com o mesmo instrumento: a tinta spray. Se para o senso comum as diferenças entre grafite e pichação não são claramente demarcadas, para os sujeitos grafiteiro e pichador as fronteiras entre as duas atividades estão bem delimitadas e é por meio dessas diferenças que um grafiteiro pode grafitar à luz do dia enquanto para o pichador isso se tornaria mais difícil.

Para grafiteiros e pichadores, as diferenças entre as suas respectivas atividades não se limitam a questões relativas às técnicas e temas, mais do que isso, dizem respeito a dimensões simbólicas que envolvem o ato de pichar e/ou grafitar.



Muitos grafiteiros são ex-pichadores e alguns atuam nas duas atividades, revelando o diálogo que elas mantêm entre si. É dessa forma que as representações construídas entorno do grafite e da pichação são confusas, pois o grafite apresenta-se como uma evolução da pichação em alguns discursos da mídia, do poder público e até dos próprios sujeitos<sup>6</sup>.

A pichação envolve riscos para ser executada. Picha-se, na maior parte dos casos, a noite, em locais que envolvem perigo na sua execução, seja pela altura ou pelo risco de ser surpreendido pela polícia ou proprietário do local pichado. Já que a atividade é vista como depredação e sujeira, pois o significado das pichações é conhecido apenas por quem é da “cena”, as conseqüências que um pichador sofre são mais incisivas do que as que incidiriam sobre um grafiteiro, por exemplo, cuja atividade é a associada ao fazer artístico que pode ser executado à luz do dia de forma mais livre.

É devido a essas diferenciações quanto à recepção do grafite e da pichação que um grafiteiro não quer ser confundido com um pichador e vice-versa. Presenciei essa situação em campo<sup>7</sup> quando acompanhava uma atividade de grafitismo de um grupo de adolescentes. Notei a aproximação de uma viatura da Polícia e apesar da possibilidade de abordagem policial, o que me deixou um pouco nervosa, o grafiteiro que realizava a intervenção me garantiu que não tinha perigo disso acontecer porque “ele era grafiteiro e não pichador”.

Pichação e grafite eram vistos sem diferenciação pela Lei Ambiental 9605 de 1998 que os proíbe. Este ano, no dia vinte e cinco de maio, a presidente Dilma Rouseff sancionou a lei que diferencia as duas atividades e ainda proíbe a venda de tinta em *spray* para menores de 18 anos<sup>8</sup>. Essa mudança na lei levanta muitas discussões e acirra

---

<sup>6</sup> Discordo desse argumento, pois percebo o grafite e a pichação como atividades cujas semelhanças e diferenças são complexas e não podem ser reduzidas a classificações que simplifiquem suas dimensões.

<sup>7</sup> Neste dia, 24/06/10, acompanhava uma intervenção no muro em frente a uma escola localizada em um bairro de Fortaleza (capital do estado do Ceará, localizado a região Nordeste do Brasil), feita por jovens grafiteiros que estudam nessa escola quando notei a aproximação de uma viatura da polícia.

<sup>8</sup> A lei prescreve que “Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário” e mantém como punição para quem for pego pichando monumentos históricos ou tombados detenção de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

a disputa entre grafiteiros e pichadores. De que forma o texto jurídico diferencia as duas atividades se para os próprios sujeitos esta divisão é difícil de ser feita? Criminalizar a pichação não resolverá a questão do aumento de pichações nos suportes urbanos <sup>9</sup> e contribuirá para aumentar a falta de compreensão acerca das motivações dos pichadores em realizar tais atos.

Pode-se pensar que, devido aos incômodos e problemas associados à pichação o grafite é estimulado e bem visto pelas autoridades públicas e sociedade civil porque ele é uma alternativa à “poluição visual”<sup>10</sup> geradas pelas atividades dos pichadores. Dito de outra maneira, valorizar o grafite, cuja estética fica próxima de algo que embeleza a cidade, torna-se uma alternativa de controle mais eficaz para o poder público contra a pichação que é vista apenas como atividade de marginais, vândalos etc.

Grafiteiros e pichadores têm uma vivência alternativa da arfunquitetura das cidades (informação verbal) <sup>11</sup>. Podemos dizer que eles olham para os prédios e superfícies do meio urbano e o que eles vêem são espaços possíveis para imprimirem suas pichações e grafites.

Grafite e pichação desestabilizam, dessa forma, as regras de produção de signos da publicidade, por exemplo, que procura na cidade espaços para incentivar o consumo (SILVA, 2001). Tratá-los sob a perspectiva maniqueísta de grafite-bom, pichação-mal reduz as dimensões que as duas atividades comportam e que dizem respeito à sociabilidade urbana, ao direito a cidade entre outras questões.

### **Juventude, grafite e cidade: diálogos possíveis.**

---

seis meses a um ano mais pagamento de multa. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm#art6](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm#art6)>.

<sup>9</sup> Entende-se por suportes urbanos os muros, paredes, fachadas residenciais e comerciais, imóveis abandonados, de propriedade pública ou privada, viadutos, monumentos históricos etc.

<sup>10</sup> O uso do termo entre parênteses significa que relativizo a atribuição de poluição visual as pichações. A publicidade também não configuraria como um dos principais contribuintes deste tipo específico de poluição nas cidades?

<sup>11</sup> Conforme palestra proferida por Teresa Caldeira no II Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: práticas de extermínio promovido pelo Laboratório de estudos da violência – LEV – da Universidade Federal do Ceará em Fortaleza, 03 de dezembro de 2010.



O grafite não é um movimento exclusivo de jovens, porém adoto a discussão sobre juventude para a pesquisa por entender que os grafiteiros consultados na pesquisa compartilham códigos e condutas que se relacionam com esta categoria social. Fazer esta relação requer que seja demarcada qual a perspectiva a partir da qual se discute a juventude, respondendo a questões do tipo: quais as razões para reconhecer os grafiteiros como jovens? O que significa sociológica e culturalmente ser jovem?

A cultura juvenil pressupõe uma pluralidade de situações, estando a juventude ligada a determinadas experiências e papéis que caracterizam uma fase da vida humana. Juventude é uma categoria social e enquanto tal é construída socialmente. Por essa razão, a abordagem sociológica da juventude pressupõe uma ruptura com uma visão que não leve em consideração as condições sócio-históricas ligadas à idéia de juventude. Assim, a condição de ser jovem varia no tempo e de acordo com Arce (1999, p.76):

A juventude é uma construção que seleciona atores e características, mas também esquecimentos, por isso não é uma definição ingênua ou asséptica, mas destaca e proscreeve, pondera e minimiza condições que se referem a processos de hipostatização nas representações sociais.

Ser jovem é pertencer a uma determinada faixa etária<sup>12</sup>, mas não apenas isso, diz respeito a um estilo de vida, a um modo de ser. Por essa razão, qualquer investigação que aborde a juventude apenas por seu aspecto etário empobrece a questão, pois

A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes (BOURDIEU, 1983, P.113)

A juventude deve ser vista a partir de diferentes perspectivas, podendo-se inclusive falar em juventudes no plural. Usar o título “jovem” para qualquer indivíduo que se encontra entre quatorze e vinte e quatro anos unifica a juventude, porém quem está nessa condição participa de uma série de fenômenos distintos cuja característica comum é a idéia de fase em transição, um “vir a ser”:

---

<sup>12</sup> No Brasil a juventude compreende o período de 14 a 24 anos de idade (DIÓGENES, 2008).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Os estudos sobre a juventude são quase sempre marcados por essa insegurança conceitual; eles, comumente, expressam um esforço de apreensão de uma vivência que parece ser recortada pela ambivalência e transfiguração constante [...] essa pluralidade conceitual certamente evidencia a complexidade da experiência juvenil, uma vez que a mesma tem como emblema a transição, sendo sempre a passagem entre o que é e o que deverá ser. (DIÓGENES, 2008, p.94)

Ao dizer que os grafiteiros consultados para esta pesquisa são jovens, quero mostrar que essa afirmação vai além da idade dos sujeitos e compreende outros aspectos que se relacionam a um modo de ser, próprio da juventude, ligado a aspectos do vestuário, da fala, da atitude em relação às regras sociais etc.

É a partir desse horizonte discursivo que os integrantes do grupo de grafiteiros<sup>13</sup> com os quais desenvolvi a pesquisa podem ser chamados de jovens. Eles utilizam muitas gírias algo que é comum ao universo da juventude e em particular para o universo que eles fazem parte, o do grafite, esse vocabulário próprio configura-se em termos nativos como *trampo* que significa a execução de um grafite, por exemplo. Suas roupas, quase sempre *jeans*, tênis e camisetas cobrem seus corpos muitas vezes tatuados que também abrigam *piercings*, carregam mochilas nas costas, compondo uma estética que é própria da juventude. Sobre o estilo juvenil, Abramo (1994) ressalta as dimensões relativas à intenção de diferenciação como aspecto de uma criação consciente:

O estilo não é simplesmente o conjunto de traços que se pode observar num artefato. Ele pressupõe a criação consciente através de uma eleição intencional de um conjunto de traços com um princípio de ordenação, na qual existe a intenção de diferenciação em relação a outros artefatos. São as dimensões da *escolha* intencional e da *distinção* de um padrão, que são ressaltadas nessa formulação. (ABRAMO 1994 p.87 apud DIÓGENES 2008, p. 39, grifo do autor).

Contudo, o que se sobressai em relação a suas vestimentas ou modos de falar e que os classifica como jovem é a atitude que eles adotam para as regras sociais. Ao marcarem com suas idéias e desenhos a superfície da cidade, esses indivíduos questionam valores, provocam discussões e se expressam, já que

---

<sup>13</sup> O grupo com o qual realizei trabalho de campo originou-se de um projeto social da Prefeitura de Fortaleza. Este se chamava *Crescer com arte* e era promovido pela Fundação da Criança e da Família Cidadã (FUNCI), órgão da prefeitura de Fortaleza responsável pelas políticas públicas voltadas para as crianças e adolescentes. No referido projeto, entre as várias oficinas de arte-educação ministradas, o grafite era uma delas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

[um] outro ponto intrinsecamente ligado a esse 'ser jovem' está no questionamento da sociedade em que vive, de constituir uma crítica aos 'mais velhos', de se opor a eles e, muitas vezes, arquitetar um sistema de valores paralelo que, em alguns casos, é opositor ao que existe majoritariamente (LIMA FILHO, 2009, p. 94-95).

A influência da experiência urbana para o grafite reflete-se em suas características principais e no sujeito central dessa atividade: o grafiteiro. O grafite dá outro significado às extensões da cidade. O que era para ser um espaço neutro, como os muros, ou a parede, recebe subjetividades e identidades, transformando-se assim em espaço de significados. Esses suportes que tem funções definidas pelas regras da arquitetura passam a ter outros usos não previstos.

Há uma outra dimensão fundamental que atua nos espaços, absolutamente necessária para que eles se ativem como espaços de comunicação e coexistência: a da significação [...] acreditamos que essa dimensão da significação se estruture através de um recurso narrativo que traduz valores e significados em composições e arranjos de imagens espaciais (BERDOULAY e GOMES, 2008, p.12).

No centro de toda a discussão sobre o grafite está o grafiteiro, um personagem central para entendermos o grafite. O grafiteiro é antes de tudo um habitante da cidade e ele pode repassar para seus grafites essa experiência. É ele quem concretiza a atividade, colocando-se nos grafites que faz, carregando-os de aspectos subjetivos. Para eles, a rua é um espaço supervalorizado seja como suporte ou inspiração para suas atividades. Nela, eles se sentem a vontade para realizarem as atividades de grafitismo.

É nesse sentido que se dá a escolha dos lugares a ser grafitados cujas motivações ligam-se a fatores afetivos e racionais. Muitas vezes o local grafitado é escolhido porque o grafiteiro criou uma relação afetiva com o mesmo e esta afeição pode surgir nos deslocamentos cotidianos, por exemplo. As ruas e avenidas onde o fluxo de pessoas é intenso são também alvo dos grafiteiros, pois esses logradouros dão visibilidade a seus trabalhos.

O fato de ser feito na rua, local público por excelência, confere o caráter de efêmero e de "obra aberta" ao grafite. Nada garante que ele permanecerá como foi feito



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

inicialmente: ele pode ser apagado pela tinta branca por quem não o deseja ou dá início a outras intervenções que nem sempre o respeitam: outros grafites, pichações, cartazes publicitários etc.

A competição pelos suportes é outro aspecto da relação grafite - cidade. Em alguns muros é comum haver cartazes publicitários disputando território com grafites e pichações pelo mesmo motivo: a busca de visibilidade. Se pensarmos o espaço urbano como local de disputas, então

A produção de linguagem urbana revela, em seus múltiplos códigos, as tensões, marginalizações, disputas e reivindicações dos seus habitantes, porque o que se escreve ou prescreve em seus muros é obra dos cidadãos, e não imposição das instâncias institucionalizadas (RAMOS, 1994, p.33).

O grafite desde sua origem se relaciona com a cidade, pois é através de sua superfície que essa prática normalmente se manifesta. É na relação com o modo de vida urbano que o grafite é produzido pelos grafiteiros, relação esta que confere características particulares ao ato de grafitar, como as citadas anteriormente.

A fragmentação a que o olhar do habitante nas cidades contemporâneas é submetido, somado ao ritmo acelerado de vida nesses ambientes, tem como uma de suas conseqüências a conformação de uma atitude mental própria ao modo de vida urbano objeto da discussão de Simmel (1979).

A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação dos estímulos nervosos*, que resulta da alteração brusca entre estímulos exteriores e interiores [...] rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria. (SIMMEL, 1979, p.12)

Como um instrumento de defesa a esse bombardeio de estímulos, o homem da metrópole vai desenvolver um mecanismo comportamental, um tipo de atitude impessoal denominada por Simmel (1979) de *atitude blasé* que pode ser definida como a perda da capacidade de reação, por parte dos habitantes das grandes cidades, aos estímulos provocados pela mesma. Se para o mesmo autor,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A essência da atitude blasé consiste no embotamento do poder de discriminar. Isto não significa que os objetos não sejam percebidos [...] mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância (SIMMEL, 1979, p.16).

Conforme as idéias do autor, o homem da cidade deixa de impressionar-se com o que vê. É por isso que a publicidade procura novos meios de chamar a atenção dos consumidores e muitas vezes algumas informações do “texto urbano”, como placas de sinalização, não são percebidas. Dentro desse contexto, possivelmente o grafite “quebra” com a passividade perceptiva do homem urbano ao usar as superfícies da cidade de uma forma inusitada como o objetivo de sensibilizar, provocar, criticar ou mesmo marcar presença.

Baseando-se em algumas características do grafite como a efemeridade e a relação com a cidade, por exemplo, é possível dizer que ele faz mais do que integrar a paisagem sîgnica da cidade, ele traduz e revela um modo de vida urbano. Silva (2001) em sua pesquisa acerca do imaginário urbano de cidades como Bogotá e São Paulo, fala o seguinte sobre a relação grafite-cidade:

Imagens urbanas que definiam a cidade desde os rincões conflitantes, que marcam a cidade em sua epiderme com novas tatuagens contemporâneas [...], marcando nessa mesma prática, a noção de cidade mesclada e mestiça em escrituras espontâneas com modos e estilos modernos de concepção. (SILVA, 2001, p.5)

Os grafites que se encontram nas paredes, muros e espaços expositivos revelam aspectos importantes do universo da arte, das questões urbanas, das manifestações culturais da juventude e da sociabilidade contemporânea. Eles também têm muito a dizer sobre a subjetividade e os processos de formação de identidade de um grupo que podemos chamar de *flâneur* contemporâneos. É esse o potencial reflexivo e imaginativo que a cidade oferece.

O ato de marcar a cidade pelas turmas de grafiteiros com uma linguagem que transita entre a expressão artística e a rebeldia revela como se dá o acesso a espaços de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

comunicação nas cidades contemporâneas que restringem esse ingresso principalmente aos jovens. O estudo do grafite enquanto expressão cultural juvenil urbana, além de revelar os pormenores dessa prática, situa também, mesmo que indiretamente, a relação dos jovens com as questões atuais da sociabilidade nas cidades

### **Referências Bibliográficas**

ABRAMO, Maria Helena Wendel. **Cenas Juvenis – punks e darks no cenário urbano.** São Paulo, Scritta, 1994.

ARCE, José Manuel Valenzuela. **Vida de Barro Duro: cultura popular juvenil e grafite.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

BERDOULAY, Vincent e GOMES, Paulo Cesar da Costa. Cenários da vida urbana: imagens, espaços e representações. In: **Cidades: Revista Científica/Grupo de estudos urbanos – Vol. 5, n.7.** Presidente Prudente: 2004.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1.** Artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência – gangues, galeras e o movimento hip hop.** São Paulo: Annablume, 1998.

FERRO, Lígia. O *graffiti* mediador. Reflexões sobre as metamorfoses da prática em três cidades. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando D. (org). **Juventude Contemporânea: culturas, gostos e carreiras.** Rio de janeiro: 7 Letras, 2010.

GANZ, Nicholas. **O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

GITAHY, Celso. **O que é graffiti?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

LIMA FILHO, Irapuan. A juventude como “oposição”: algumas estratégias de ser independente. In: BARREIRA, Irllys e BARREIRA, César (orgs). **A juventude e suas expressões plurais.** Fortaleza: Edições UFC, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos.** Forense universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Os circuitos dos jovens urbanos.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2. 2005.

RAMOS, Maria Antonacci. **Graffiti, pichação & Cia-** São Paulo: AnnaBlume, 1994.

\_\_\_\_\_.Grafite e Pichação: por um nova epistemologia da cidade e da arte. In: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. **Anais...**, Florianópolis, Anpap, 2007.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

SILVA, José Borzacchiello da (org). **A cidade e o urbano: temas para debate.** Fortaleza, Ed. UFC, 1997.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TRINTA, Nataraj e MOREIRA, Julia. **Grafite x pichação: dois lados da mesma moeda?** Disponível em: < <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-1/grafite-x-pichacao-dois-lados-da-mesma-moeda> >. Acesso em: <12 maio 2011>.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina